

Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário



Editores:

Gertrudes Branco, Leonor Rocha
Cidália Duarte, Jorge de Oliveira
Primitiva Bueno Ramírez

Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário

Actas do II Congresso Internacional
Sobre Arqueologia de Transição
(29 de Abril a 1 de Maio 2013)

Editores

Gertrudes Branco
Leonor Rocha
Cidália Duarte
Jorge de Oliveira
Primitiva Bueno Ramírez

CHAIA
2015

Coordenação Editorial:

Gertrudes Branco
Leonor Rocha
Cidália Duarte
Jorge de Oliveira
Primitiva Bueno Ramírez

Design:

Ivo Santos
Gertrudes Branco
Leonor Rocha

Comissão Organizadora:

Leonor Rocha (CHAIA/ Universidade de Évora)
Cidália Duarte (DRCN)
Gertrudes Branco (CHAIA)
Ivo Santos (CHAIA/ Universidade de Évora)
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora)
Jorge de Oliveira (CHAIA/ Universidade de Évora)
André Carneiro (CHAIA/ Universidade de Évora)
Rosário Fernandes (CHAIA/ Universidade de Évora)
Paula Morgado (CHAIA/ C. M. Monforte)
Sérgio Batista (C.M. Monforte)

Comissão Científica:

Ana Maria Bettencourt (Universidade do Minho)
Ana Maria Silva (Universidade de Coimbra)
André Carneiro (Universidade de Évora)
Chris Scarre (Durham University)
Cidália Duarte (DRCN)
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora)
Filomena Barros (Universidade de Évora)
Helena Catarino (Universidade de Coimbra)
Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)
Leonardo García Sanjuán (Universidad de Sevilla)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Luc Laporte (Université de Rennes)
Primitiva Bueno Ramírez (Universidad de Alcalá de Henares)
Rodrigo de Balbin Behrmann (Universidad de Alcalá de Henares)
Serge Cassen (Université de Nantes)
Teresa Matos Fernandes (Universidade de Évora)

Apoio Técnico:

Ana Leonor Cavaco
Maria Manuela Mexia
Patrícia Flores
Pedro Soares
Rita Moura Torres
Sérgio Batista

Edição:

CHAIA

Centro de História de Arte e Investigação Artística

Universidade de Évora

Palácio do Vimioso

Largo Marquês de Marialva, 8

7000-809 Évora

<http://www.chaia.uevora.pt/>

CHAIA/UE - Referência: UID/EAT/00112/2013

Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto - Refª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UE 2014]

ISBN: 978-989-99083-6-9

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores.

Sendo assim a organização declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Patrocinadores/Apoio institucional:

ÍNDICE

PREFÁCIO	VII
DE NASCENTE PARA POENTE: REFLEXÕES SOBRE A SINTAXE DA ARQUITECTURA MEGALÍTICA NO ALENTEJO.....	1
Pedro Alvim	
O “ETERNO DESCANSO” NO NEOLÍTICO DO ALENTEJO NORTE.....	7
Jorge de Oliveira	
NOVOS DADOS SOBRE O MEGALITISMO FUNERÁRIO DO CONCELHO DE AVIS.....	17
Ana Ribeiro	
CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO (ÉVORA, PORTUGAL): AS PONTAS DE SETA.....	34
Ivo Santos; Leonor Rocha	
ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO (ÉVORA, PORTUGAL): CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS CERÂMICAS.....	42
Leonor Rocha	
ANÁLISIS DEL MODELO DE ORGANIZACIÓN ESPACIAL DE LA NECRÓPOLIS DE VALENCINA. LA COMPLEJIDAD SOCIAL A DEBATE.....	52
Juan Carlos Mejías García; Mª Rosario Cruz-Auñón Briones; Ana Pajuelo Pando; Pedro Manuel López Aldana	
A ANTA DO MONTE VELHO (MONFORTE, PORTUGAL).....	71
Leonor Rocha; Paula Morgado	
APRECIACIONES EN RITUALES FUNERARIOS DE CUEVAS ARTIFICIALES, GILENA UN EJEMPLO.....	78
Mª Rosario Cruz-Auñón Briones; Juan Carlos Mejías-García; Ana Pajuelo Pando; Pedro Manuel López Aldana	
OS HIPOGEUS 3 E 4 DA QUINTA DO ANJO (PALMELA) – UMA ABORDAGEM GEOARQUEOLÓGICA.....	90
Pedro Mendes	
LAS ESTRUCTURAS FUNERARIAS DE CERRO VASCONCILLAS (ROTA, CÁDIZ).....	106
Yolanda Costela Muñoz; Helena Courtot	
ENTERRAMENTO DE CÃES NA QUINTA DO ALMARAZ (ALMADA, PORTUGAL).....	113
Francisco Correia	
MORRE-SE HÁ MUITO TEMPO SOBRE A TERRA. TOPOGRAFIA FUNERÁRIA E SOCIEDADE NO ALTO ALENTEJO EM ÉPOCA ROMANA.....	125
André Carneiro	
DA NECRÓPOLE AO POVOADO DE SÃO FARAÚSTO II (ORIOLA, PORTEL): NOVAS PERSPECTIVAS ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM PLURIDISCIPLINAR.....	140
Carlos Ferreira; Catarina Mendes; Maria Teresa Ferreira; Hélder Santos; Nuno Barraca	
A NECRÓPOLE ROMANA DA ROUCA (ALANDROAL, ÉVORA).....	146
Mónica S. Rolo	
A NECRÓPOLE DO POÇO DO CORTIÇO (ALANDROAL, PORTUGAL).....	154
André Carneiro; Leonor Rocha	
A PREFERÊNCIA PELA INUMAÇÃO NAS NECRÓPOLES ROMANAS DOS SÉCS. III - IV D.C. DO MUNICÍPIO DE PENAFIEL (NORTE DE PORTUGAL).....	159
Teresa Soeiro	
COLEÇÃO ANTÓNIO/DELMIRA MAÇÃS. O CASO DAS NECRÓPOLES DE SÃO SALVADOR DE ARAMENHA: CERÂMICA COMUM. DADOS PRELIMINARES.....	175
Vítor Dias	
MUDANÇAS NOS SÍMBOLOS MATERIAIS DE IDENTIDADE NO PERÍODO VISIGODO A PROPÓSITO DAS FIVELAS DE CINTURÃO LIRIFORMES.....	187
Sofia Lovegrove	
HALLAZGO DE UN SARCÓFAGO TARDORROMANO EN SANTA MARÍA DE BENQUERENCIA, TOLEDO.....	195
Elena Rosado Tejerizo; Antonio Rodríguez Fernández; Elena Justel Gómez	
LA CATACOMBE DES SAINTS PIERRE-ET-MARCELLIN A ROME (IER-IIIIE S.) : DISCUSSION SUR L’ORIGINE DES DEFUNTS ET LEUR DECES.....	197
Philippe Blanchard; Hélène Reveillas; Sacha Kacki; Dominique Castex	

UNA NUEVA NECRÓPOLIS DE ÉPOCA VISIGODA EN CUBILLEJO DE LA SIERRA (GUADALAJARA, ESPAÑA).. M ^a Luisa Cerdeño; Emilio Gamo; Marta Chordá	217
EXCAVACIÓN ARQUEOLÓGICA EN LA NECRÓPOLIS MEDIEVAL DE SAN LÁZARO, TOLEDO..... Antonio Rodríguez Fernández; Elena Rosado Tejerizo	224
ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA..... Maria de Fátima Palma; Clara Rodrigues; Teresa Carmo	234
LA NECRÓPOLIS MUDÉJAR-MORISCA DE MUEL (ZARAGOZA): EL REFLEJO DE DOS RITOS FUNERARIOS EN LA ESPAÑA MODERNA..... Ieva Reklaityte; Enrique García Francés	246
OS ELEMENTOS DE ADORNO NA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA DA ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA..... Lígia Rafael; Maria de Fátima Palma; Rute Fortuna; Clara Rodrigues	258
SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DA FREGUESIA DE ROSMANINHAL (IDANHA-A-NOVA)..... Mário Chambino; Francisco Henriques; João Carlos Caninas	272
ESTELAS MEDIEVAIS DO CASTRO DO JARMELO (GUARDA)..... Tiago Pinheiro Ramos	289
O ESPAÇO FUNERÁRIO ALTO-MEDIEVAL DA TORRE VELHA (CASTRO DE AVELÃS, BRAGANÇA)..... Sofia Tereso; André Brito; Cláudia Umbelino; Miguel Cipriano; Clara André; Pedro C. Carvalho	297
ARQUEOLOGÍA FUNERARIA EN LA ALTA MONTAÑA DE TENERIFE (ISLAS CANARIAS)..... Sergio Pou Hernández; Matilde Arnay de la Rosa; Carlos García Ávila; Efraín Marrero Salas; Emilio González Reimers	307
FORGET ME NOT... EXPOSURE OF CASE STUDIES DETECTED IN FUNERARY CONTEXTS, WHICH DEPOSITION IS UNUSUAL (PORTUGAL)..... Sónia Ferro; Daniela Anselmo; Teresa Matos Fernandes	318
ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO, TAVIRA..... Sandra Cavaco; Jaquelina Covaneiro; Teresa Carmo	325
ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, TAVIRA (PORTUGAL)..... Jaquelina Covaneiro; Sandra Cavaco; Teresa Carmo	332
MOITA DA LADRA, O DEPÓSITO VOTIVO DO BRONZE FINAL. RESULTADOS PRELIMINARES..... Mário Monteiro; André Pereira	341

PREFÁCIO

Mais do que grandes templos ou majestosos palácios os testemunhos materiais da morte foram desde sempre objeto de atenção e estudo por parte dos que sobre as memórias do passado se interessam. Muito antes da fase científica da história da arqueologia, ou mesmo antes da fase dos “antiquários”, encontramos referências, ainda que duma forma algo fantasiosa ou lendária, a estruturas tumulares e a obscuros ritos com elas relacionadas.

A forte carga mágica e religiosa em que todos os povos e culturas envolveram a morte contribui para que ela fosse ritualizada de diferentes formas, mas sempre mantendo uma gramática praticamente comum, a de perpetuar a memória dos que morriam. Assim, mais discretos, ou mais monumentais os espaços da morte foram e continuam a ser procurados com diversos interesses, sejam eles científicos, religiosos ou, simplesmente, por aqueles a que vulgarmente chamamos de “caça tesouros”. Mas as memórias materiais da morte não se esgotam nos espaços sepulcrais. Em paralelo existe um vasto conjunto de artefactos específicos, diretamente associados com os contextos funerários, que de uma forma direta ou indireta preencheram ao longo dos tempos os vastos complexos rituais da morte nos diferentes ambientes que os produziram. Indissociável das estruturas e dos artefactos funerários o grande universo da antropologia biológica, nas suas mais diversas vertentes e durante tanto tempo negligenciada, evidencia a enorme importância destes saberes para a construção da memória histórica e arqueológica.

O Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora em parceria com o CHAIA ao organizarem a segunda edição do CIAT – 2º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição entenderam dedicá-lo, exatamente, aos diferentes contextos funerários, dando especial preferência aos estudos realizados sobre os distintos períodos de transição cultural. Neste evento participaram um alargado conjunto de investigadores que apresentaram e discutiram os resultados dos seus estudos abarcando um amplo espectro cronológico.

Os três dias do congresso, que decorreu na Universidade de Évora, de 29 Abril a 1 de Maio de 2013, evidenciou quão justo foi o tempo porque muitos foram os comunicantes e assistentes que quiseram partilhar e discutir os últimos resultados das mais recentes investigações sobre o mundo funerário, evidenciando quanto oportuna foi a realização desta reunião científica e cujas actas agora se publicam.

A todos os comunicantes e participantes e sobretudo a todos os que se disponibilizaram para que este congresso se realizasse e a publicação das actas se concretizasse manifestamos o nosso agradecimento esperando que em breve consigamos organizar o 3º Congresso de Arqueologia de Transição.

1 de Maio de 2015

Jorge de Oliveira

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DA FREGUESIA DE ROSMANINHAL (IDANHA-A-NOVA)

Mário CHAMBINO
Francisco HENRIQUES
João Carlos CANINAS¹

RESUMO

Apresenta-se um primeiro estudo de um conjunto de 47 sepulturas escavadas na rocha identificadas num território do centro-interior de Portugal que corresponde a uma freguesia (Rosmaninhal) do concelho de Idanha-a-Nova. Estas sepulturas foram abertas em rochas metasedimentares, estão agrupadas, à excepção de um caso, e convergem com vestígios de povoamento romano-medieval. Comparam-se estes monumentos com outros do território português (continental) e propõe-se uma funcionalidade e uma cronologia para a sua utilização, fundamentadas na tipologia e no enquadramento arqueológico.

Palavras-chave: sepulturas escavadas na rocha, Idade Média, Idanha-a-Nova.

ABSTRACT

Presents the first study set of 47 rock-hewn tombs identified in an area of the central interior of Portugal which corresponds to a parish in the municipality of Idanha-a-Nova (Rosmaninhal).

These graves were opened in metasedimentary rocks, are grouped together, with the exception of one case, and converge with traces of roman and medieval settlements. Makes a comparison of these with other monuments of continental Portugal and proposes a feature and a chronology for its use, based on the typology and archaeological framework.

Keywords: rock-hewn tombs, Middle Ages, Idanha-a-Nova.

1. Introdução

Rosmaninhal localiza-se no centro interior de Portugal, em área de fronteira com Espanha. É sede de uma das 17 freguesias do concelho de Idanha-a-Nova, um dos maiores concelhos de Portugal (1 412,73 km²) e um dos onze que formam o distrito de Castelo Branco. Rosmaninhal foi elevado a concelho em 1510 e extinto pela reforma administrativa de 1836, altura em que foi anexado ao concelho de Salvaterra do Extremo. Quando este último foi extinto, em 1855, foi anexado como freguesia ao concelho de Idanha-a-Nova. O território de

Rosmaninhal tem limites geográficos bem definidos que confinam a leste com o rio Erges, a sul com o rio Tejo, a oeste com a ribeira do Aravil e a norte com os ribeiros da Rata e da Enchacana.

Exceptuando o registo de três monumentos megalíticos, no início do século XX, por Proença Júnior (1910), nada de novo foi acrescentado ao conhecimento arqueológico desta área até à década de setenta do séc. XX.

Em 1977 Mário Chambino, do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (GEPA), publica, no primeiro número do boletim Pelourinho, um artigo dedicado ao sítio da Fonte de Santiago (Chambino, 1977:2 e 3), com especial atenção às sepulturas escavadas na rocha ali reconhecidas. Regista seis, com esboços, medidas e mapa de localização. O mesmo autor (Chambino, 1986) apresenta, em 1979, nas 1^{as} Jornadas de Arqueologia da Beira Baixa, uma comunicação com o título *Estação Romana da Fonte de San'Tiago*, onde documenta onze sepulturas, só editada em 1986.

Com a decadência do GEPA, a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) entrou em cena, na década de 80 do séc. XX, executando por todo o território da freguesia do Rosmaninhal, e freguesias vizinhas, um vasto trabalho de inventariação e estudo de vestígios arqueológicos, principalmente os de cronologia pré-histórica. Os esforços anteriores têm-se mantido e proporcionado inúmeros artigos em revistas científicas portuguesas, inglesas e *on-line*.

Na freguesia do Rosmaninhal as arquitecturas funerárias da Pré-História recente estão muito bem representadas em quantidade, diversidade e estado de conservação. Cremos que esta realidade possa ser atribuída às práticas agrícolas tradicionais, em regime agro-silvo-pastoril, que ocuparam este território até à actualidade. Em época recente verificaram-se destruições significativas de sítios arqueológicos, devido a povoamentos florestais (eucalipto) e a repovoamentos com quercíneas, executados sem controlo de impactes negativos apesar de terem beneficiado de incentivos públicos.

Os projectos de investigação desenvolvidos neste território, desde os anos 80, tiveram como objectivo principal a identificação de sítios e monumentos com importância arqueológica (Henriques *et al*, 1993, 1998, 1999, 2000-2001, 2004, 2004a, 2008, 2009 e 2011), o estudo das construções funerárias pré-históricas, com recurso a escavações (Cardoso *et al*, 1995, 1995a, 1997, 1997a, 2000, 2003 e 2008), e a divulgação dos resultados obtidos. O inventário proporcionado por estes trabalhos foi transferido para a base de dados pública de sítios arqueológicos. Porém, no Rosmaninhal o acervo de estudos de arqueologia pré-histórica não teve equivalência noutros períodos históricos.

¹ Membros da Associação de Estudos do Alto Tejo, www.altotejo.org

Para o período da romanização, para além do inventário geral já referido, existe um estudo inédito de Cassilda Santos (1999) que inventaria e analisa, sem recurso a escavações, as evidências arqueológicas correspondentes à época romana, nomeadamente, áreas mineiras, sítios de *habitat* e património móvel considerado mais significativo.

As sepulturas escavadas na rocha, objecto do presente trabalho, encontram-se referenciadas em relatórios de prospecção (Henriques *et al.*, 1998, 1999, 2000-2001, 2004 e 2009) e no terceiro volume da carta arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino, 1993). As sepulturas da Fonte de Santiago foram documentadas por M. Chambino (1997, 1986 e 2000), algumas das quais referidas em monografia local (Pinheiro, 2001) sem acréscimo de conhecimento em relação às fontes originais (Chambino 1997, 1986 e Henriques *et al.* 1993, 1998, 1999, 2000-2001, 2004 e 2009).

Em dois períodos distintos da segunda metade do séc. XX foram achadas 12 estelas discóides, em granito, no adro da igreja matriz de Rosmaninhal, que terão pertencido ao antigo cemitério medieval desta povoação. Num primeiro momento, em 1956, apareceram seis estelas completas, oriundas dos trabalhos de reconstrução da igreja e do adro. Estas peças foram inventariadas em 1975 (Chambino, 2000 e 2009) e terão desaparecido. Um segundo grupo, constituído por outras seis estelas, todas incompletas, que se conserva numa arrecadação da igreja matriz do Rosmaninhal, resultou de novas obras na envolvente da igreja. Onze destas estelas tinham decoração em ambas as faces e uma apenas numa. A cruz, com diversas configurações, é o tema predominante. O hexafólio encontra-se representada em três casos, o pentalfa, os círculos concêntricos e o ómega estão representados de modo singular (Chambino, 2009:12). A partir de uma análise comparativa, o autor (Chambino, 2009:16) admite que tenham sido utilizadas como cabeceiras nas sepulturas que teriam existido no adro da igreja matriz, entre os sécs. XIII e XVI. A descoberta destas peças resultou da reorganização do espaço religioso após a implantação da rede paroquial.

As sepulturas escavadas na rocha foram construídas para perpetuar, num tempo longo, a memória do defunto, de acordo com a crença noutra vida após a morte e na protecção do próprio grupo social restrito ou alargado. A construção de uma sepultura em rocha seria dispendiosa, exigindo mão-de-obra e instrumentos especializados (Tente & Lourenço, 1998:208), pelo que nem todos os membros da comunidade teriam acesso a este tipo de morada final. Nesta perspectiva as sepulturas em rocha estariam associadas a uma elite social, pelo que teriam de haver outros modos de inumação coetânea, para os restantes membros da comunidade.

No concelho de Idanha-a-Nova existem muitas dezenas de sepulturas escavadas na rocha, maioritariamente em suporte granítico (Monsanto, Idanha-a-Velha, São Miguel de Acha, etc).

Na freguesia de Idanha-a-Velha foi referida (Batista, 1998), a existência de necrópoles na rua do Cabeço, na Tapada da Eira, no Chãozinho do Espírito Santo e no Chão dos Lamegueiros. Estas necrópoles, datadas das épocas romana e medieval, foram maioritariamente escavadas por Fernando de Almeida e sua equipa, há várias décadas. J. Batista (1998) assinala um sarcófago medieval e uma sepultura aberta no xisto, da mesma época, em Pedra Furada II.

Na freguesia de Monsanto foram identificadas várias sepulturas escavadas em granito, em redor do templo de São Pedro de Vir a Corça, e uma outra num penedo isolado, mais distante das anteriores, tendo sido transformada em lagar para vinho (Henriques *et al.*, 2008).

No concelho Castelo Branco também é elevada a quantidade de sepulturas escavadas na rocha, a maioria em granito (Castelo Branco, Palvarinho, Lardosa, outros locais), e em suporte metasedimentar. Na freguesia de Malpica do Tejo foi identificada uma sepultura de tipologia antropomórfica, com 190 cm de comprimento, escavada em xisto, junto de um caminho, na vizinhança da capela da Senhora das Neves (Henriques, Caninas & Chambino, 1995: 74).

Em 1978 João Ribeiro realizou escavação arqueológica na área da igreja de Santa Maria, no castelo de Castelo Branco. Desse trabalho há registo sumário de sepultamentos no interior da igreja e no seu espaço envolvente, mas não é indicada uma cronologia para a sua utilização. O autor afirma que “as sepulturas são de dois tipos: cavadas no xisto, antropomórficas, ou já em ataúde de madeira...” (Ribeiro, 1981:277).

António Pires Nunes também refere a existência de dois cemitérios em Castelo Branco, no séc. XVI (Nunes, 1986:68), um junto da igreja de Santa Maria do Castelo e o outro adjacente à Sé Catedral, este último já representado em desenhos da cidade datados daquele século. No decurso de obras recentes de embelezamento do espaço envolvente da Sé Catedral foram descobertas algumas sepulturas escavadas no granito.

Em estudo referente a 18 sepulturas escavadas em granito de Orca (Fundão) foram identificadas orientações variadas, embora com predomínio W - E e NW - SE (Silva, 1989:514). Não foi documentada a preparação especial do rebordo para receber tampa, sendo proposto, em alternativa, que a cobertura se faria com “uma espécie de semi-telhado, resultante do reaproveitamento de telhas, da junção de pedras-lascas ou de simples elementos vegetais” (Silva, 1989:514). Na periferia destas sepulturas ocorrem “quase sempre fragmentos cerâmicos romanos ou romano-tardios” (Silva, 1989:514). Este autor admite atribuir estas sepulturas ao período situado entre a segunda metade do séc. VI e o séc. VIII (“paleo-cristãos / protomedievais”) ou aos sécs. VIII a XI (“período moçárabe”), inclinando-se para a primeira hipótese (Silva, 1989:515 e 516).

No concelho de Vila Velha de Ródão, adjacente ao rio Tejo, estão identificadas nove sepulturas escavadas em suportes metasedimentares (Grupo das Beiras). Além daquelas, existem referências a cinco sepulturas de inumação, de tipo cistóide, delimitadas por lajes de xisto fincadas no solo, situadas junto de antigos caminhos, e destruídas aquando da sua identificação.

Em recente intervenção arqueológica efectuada no interior da capela da Senhora do Castelo foi identificado uma sepultura de contorno antropomórfico e um pequeno covalho semicircular, abertos em substrato quartzítico. O espólio osteológico ali recolhido permitiu identificar duas inumações primárias, duas outras inumações prováveis, de indivíduos sub-adultos, e um ossário com vestígios de 25 indivíduos, dez adultos e 15 não adultos (Codinha, 2008; Henriques & Monteiro, 2008).

A freguesia do Rosmaninhal abrange, em termos gerais, duas grandes unidades geológicas: o Grupo das Beiras e a Formação de Cabeço de Infante (Romão *et al.*, 2010 e 2010b). A primeira unidade (Grupo das Beiras) é constituída, maioritariamente, pela Formação do Rosmaninhal (metapelitos intercalados de metaconglomerados e metagrauvaques), estando ainda representada a Formação de Malpica do Tejo - membro superior (metagrauvaques com algumas intercalações de metassilitos e metapelitos laminados e de metaconglomerados), e com menor representação a Formação de Malpica do Tejo - membro inferior (alternâncias finas de metassilitos e metapelitos com intercalações de metagrauvaques). A segunda unidade

geológica ocupa a parte central do território desta freguesia e é constituída pela Formação do Cabeço de Infante (arenitos com intercalações de conglomerados e alguns siltitos). É na Formação do Rosmaninhal que se situa a quase totalidade das sepulturas escavadas na rocha identificadas nesta freguesia.

Na bibliografia consultada constatamos ser baixa a representação de sepulturas escavadas em suportes metasedimentares, vulgo xisto-grauváquicos, em comparação com os graníticos. Como tentativa de explicação, admitimos que nestes suportes as sepulturas sejam mais facilmente destruídas pela actividade agrícola e florestal ou mesmo subterradas. Comparativamente, a dureza do granito e a volumetria dos seus afloramentos podem ter contribuído para a conservação destas sepulturas face a danos antropogénicos. Outro aspecto diferenciador corresponde à maior monumentalidade das sepulturas em granito e a sua perfeição formal, elementos pouco visíveis ou mais difíceis de obter nos suportes metasedimentares.

Nenhuma destas sepulturas foi escavada por arqueólogo e estão, ou já estiveram, vazias.

2. Metodologia

As sepulturas que apresentamos foram reveladas nos relatórios de prospecção e nas publicações anteriormente referidas, mas nunca foram objecto de estudo individualizado e integrado.

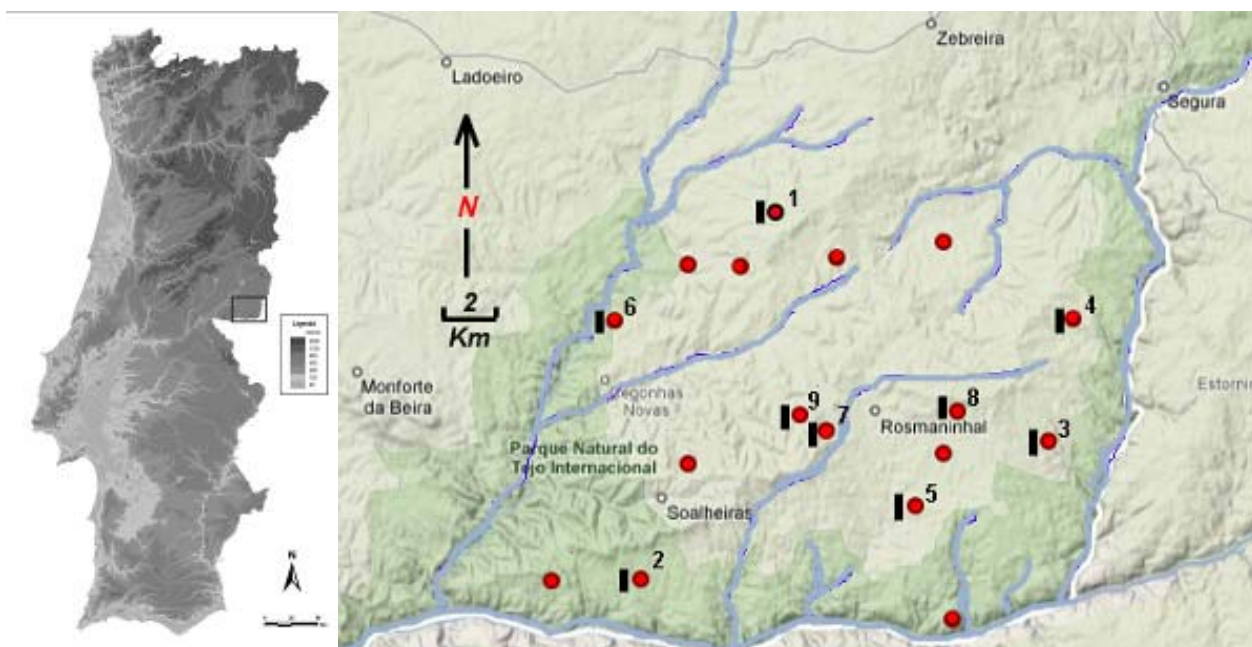


Figura 1 - Distribuição dos grupos de sepulturas (barras pretas) e dos sítios com vestígios de ocupação romana – medieval (círculos vermelhos) no território do Rosmaninhal e localização em Portugal Continental (fonte cartográfica: www.guiadeportugal.pt): 1 – Campinho ou Ti Barroso; 2 – Fazendão; 3 – Corcho; 4 – Febre Amarela; 5 – Santa Marina; 6 – Parra / Barroca da Parra; 7 – Tapada da Ordem; 8 – Fonte de São Tiago; 9 – Santa Madalena.

Para a execução deste trabalho foi conveniente visitar todos os monumentos, para actualizar a informação disponível, acerca das suas características e estado, e preencher uma ficha individualizada, baseada na matriz (Tabela 1) adoptada por Catarina Tente (2007) para este tipo de sítios. Naquela matriz foi acrescentado o item *orientação do plano de xistosidade*, que entendemos ser relevante em suportes metasedimentares. A orientação das sepulturas é indicada em graus. Sempre que necessário, o item *técnicas de construção* foi inserido na descrição individual das sepulturas.

3. Caracterização das sepulturas

A pesquisa arqueológica executada nas últimas quatro décadas na freguesia do Rosmaninhal, através do GEPA e da AEAT, permitiu identificar 47 sepulturas escavadas na rocha. Esta quantidade não é definitiva porque cremos que outras sepulturas aparecerão com a continuação das pesquisas.

O conjunto em estudo distribui-se por nove diferentes localizações (Figura 1). Em cinco sítios estão estruturadas em necrópole (onze em Santa Madalena, dez na Fonte de Santiago, oito na Tapada da Ordem, seis na Parra / Barroca da Parra e quatro em Santa Marina). Num sítio (Febre Amarela) existem três sepulturas e em dois outros locais duas sepulturas (Fazendão e Corcho). Ocorre uma sepultura isolada apenas num caso (Campinho ou Ti Barroso).

Na Tabela 2 estão especificados os dados metrológicos e tipológicos relativos a cada sepultura.



Figura 2 - Campinho / Ti Barroso.

3.1 Sepultura isolada do Campinho ou Ti Barroso

Esta sepultura (1) tem o rebordo ao nível do solo, no lado sul, estando destacado cerca de 50 cm acima do solo, no lado norte (Figura 2). Neste lado apresenta um abaulamento na área do abdómen, com correspondência no rebordo (Henriques *et al.*, 1993:70). Está localizada junto de uma mancha de ocupação antiga, identificada como “mouraria”, evidenciada por ocorrência de cerâmica e vestígios de construções de planta rectangular, em quartzo leitoso e metagrauvaque (Henriques *et al.*, 1993:70).

3.2 Conjunto de duas sepulturas do Fazendão

A área do Fazendão localiza-se entre o ribeiro do Beirão e a barroca da Portela, cerca de 1 km a leste da aldeia abandonada de Alares. É cruzada por vários caminhos em terra batida. No sítio do Poço do Chibo foi identificado uma sepultura dolménica com mamoa (Henriques *et al.*, 1993:144) e um monólito, em forma de sela, com gravações geométricas.



Figura 3 - Fazendão

As sepulturas (2 e 3) encontram-se lado a lado (Figura 3), uma a norte e a outra a sul. O rebordo da sepultura 3 encontra-se parcialmente destruído ao nível dos pés. Além destas duas sepulturas escavadas na rocha, há notícia do aparecimento, e destruição, de uma quantidade indeterminada de sepulturas cistóides, de que restam alguns vestígios (lajes de metagrauvaque e cerâmica). A cerca de 250 m a noroeste observam-se, ao nível do solo, vestígios de uma construção rectangular interpretada pela população como tendo sido uma antiga igreja (Henriques *et al.*, 1998, fichas 59 a 62). Junto deste local foram encontradas outras quatro sepulturas do tipo cistóide. No Fazendão existe uma mancha de materiais cerâmicos com concentração de placas de metagrauvaque.

3.3 Conjunto de duas sepulturas do Corcho

Estão localizadas junto a uma via, a uma área murada (tapada), a uma fonte e no interior de uma mancha de materiais arqueológicos, com 15000 m² de dimensão, cuja distribuição ocupa o interior e o exterior da tapada (elevada quantidade de cerâmica, telhas, imbrices, tijolos, canalizações, dolia, pesos de tear, vasos de paredes finas, mós giratórias, em granito, escórias de fundição de alta densidade, moinho de minério e outros materiais de construção, em metagrauvaque, granito e quartzo leitoso; Henriques *et al.*, 1993:83-84; Santos, 1999:16). Obteve-se informação oral de existência, neste local, de quatro sepulturas, mas duas nunca foram observadas.



Figura 4 - Corcho.

O rebordo da sepultura 4 apresenta-se parcialmente destruído na área dos pés. O lado norte da sepultura é praticamente recto e o lado sul tem ligeiro abaulamento. A sepultura 5 não foi encontrada.

3.4 Conjunto de três sepulturas da Febra Amarela ou Febre Amarela

Estão implantadas em ambas as margens do ribeiro do Muro Alto (Figura 5). Cerca de 250 m a sudoeste da sepultura 6, junto do caminho que aqui tem direcção nascente-poente, foi identificado um sítio com restos cerâmicos diversos, com destaque para telhas (Henriques, 1993:115). Na margem esquerda do ribeiro do Muro Alto existe um muro-apiário, um chafurdão e ocorre cerâmica comum diversa, um movente de mó rotativa, em granito, um dormente de moinho manual, também em granito, e vestígios de construção. Na área da sepultura 8 (Henriques, 1993:112) ocorre cerâmica medieval. Não foram identificadas tapadas nesta área. Segundo a tradição oral eram isolados nesta zona os doentes com *febre amarela*.



Figura 5 - Febre Amarela

A Sepultura 6 tem uma pequena almofada na cabeceira e um septo com 15 cm de comprimento nos pés. Observam-se vestígios de destruição do bordo norte e dos sectores da cabeceira e dos pés, além de sinais de raspagem por máquina pesada. Cerca de 5 m a sul existia uma outra sepultura que foi subterrada ou destruída. A sepultura 7 era de criança. Há sinais de destruição do rebordo, na cabeceira e nos pés. A sepultura 8 está parcialmente entulhada. A oeste desta sepultura existe quantidade significativa de cerâmica e restos de construção.

3.5 Necrópole de Santa Marina

De acordo com fontes orais terá existido uma capela no sítio de Santa Marina, a oeste das casas do Couto (de Santa Marina), mas não restam vestígios do edifício. Os silhares existentes no portão norte da casa principal do Couto terão vindo da referida capela. Nos finais dos anos 80, do século passado, a área da capela foi profundamente revolvida por maquinaria pesada para a instalação de povoamento florestal (eucalipto). A imagem de Santa Marina reside numa das capelas de Rosmaninhal.

Antes da florestação existia um recinto murado (tapada) e uma fonte, de Santa Marina. No interior e no exterior da tapada foi possível observar à superfície, em 1989, telhas, tijolos, pedras de construção, *opus signinum*, cerâmica comum, fragmentos de mós giratórias, em granito, e um dormente de moinho manual. A área de dispersão de materiais, atravessada por um caminho, tem cerca de 7200 m² (Henriques *et al.*, 1993; Santos, 1999).

Neste sítio foram identificadas quatro sepulturas (Figura 6). A sepultura 9 está parcialmente entulhada. Não apresenta rebordo mas a periferia foi picotada de modo grosseiro, para nivelar o afloramento. Nos pés e na cabeceira existe um sulco com 10 a 12 cm de largura que destaca a sepultura do restante afloramento. A sepultura

10 está parcialmente destruída na área da cabeceira, devido à passagem de maquinaria pesada. O plano de xistosidade não é vertical. O rebordo existe apenas na área dos pés e nas laterais e na cabeceira corresponde ao limite do afloramento. Está parcialmente entulhada com pedras e terra. Na sepultura 11 é possível que a parte oeste da cabeceira tenha sido fechada com um bloco móvel ou ocorreu a destruição do afloramento neste lado. A sepultura 12 situa-se cerca de 20 m a sul da fonte de Santa Marina e 5 m a norte do caminho. Está completamente entulhada.



Figura 6 - Santa Marina.

3.6 Necrópole da Parra / Barroca da Parra

Neste sítio existem seis sepulturas (Figura 7) distribuídas por dois núcleos de três, o da Barroca da Parra (Henriques *et al.* 2004, ficha 6) e o da Parra (Henriques *et al.* 2004, ficha 48). As sepulturas estão envolvidas por três diferentes manchas de distribuição superficial de materiais que consubstanciam uma ocupação medieval (Lomba da Parra, Azinheira da Malhada Velha e Parra).

Na Lomba da Parra (Henriques *et al.* 2004, ficha 34) ocorre uma maior concentração de lajes de metagrauvaque e fragmentos de cerâmica, incluindo pequeno fragmento de tégula. No sítio da Parra / Azinheira da Malhada Velha (Henriques *et al.* 2004, ficha 46) ocorre cerâmica e pequenas placas de grauvaque, acumuladas em dois malhões e nas paredes existentes nas margens da Barroca da Parra. O sítio da Parra (Henriques *et al.* 2004, ficha 47) ocupa o interior de uma área murada (tapada), está evidenciado por quantidade apreciável de cerâmica de cobertura mas não se observam materiais de

construção em pedra que podem ter sido reutilizados na construção das paredes da tapada. De acordo com a tradição oral “neste sítio moravam os mouros que viviam das minas”.

O conjunto formado pelas sepulturas 13, 14 e 15 foi detectado pelos signatários há muitos anos. Actualmente, está visível apenas a sepultura central (14), embora quase totalmente entulhada. As restantes encontram-se subterradas e sob densa cobertura herbácea. A sepultura do lado leste (13) está parcialmente sobreposta pelo muro que delimita o caminho. Há notícia de outras sepulturas, destruídas aquando do alargamento e melhoramento deste caminho. Existe um outro núcleo de três sepulturas (16, 17 e 18). A sepultura 16, situada mais a oeste, tem o rebordo esmigalhado pela passagem de maquinaria pesada. As sepulturas 17 e 18, situadas do lado leste do conjunto, estão quase lado-a-lado, com a primeira deslocada para sul e a segunda para norte. O alargamento ou melhoramento dos caminhos e a lavoura são ameaças comuns a ambos os grupos.



Figura 7 - Parra.

3.7 Necrópole da Tapada da Ordem

O sítio da Tapada da Ordem encontra-se actualmente repartido por várias propriedades muradas de diferentes dimensões, na margem direita do ribeiro de Manhel e a cerca de 2 km a sudoeste da povoação de Rosmaninhal. No seu interior e na envoltura existem várias nascentes, transformadas em fontes (fonte Longa, fonte de Santa Madalena, fonte da Alvedeia, etc).

Foram ali identificados vestígios arqueológicos de diversas tipologias e épocas. Na cota mais elevada foram identificados um dormiente e um movente em metagrauvaque (Neo-Calcolítico). Neste local, Proença Jr (1910) registou duas sepulturas megalíticas às quais se associa o achado de artefactos (cerâmica, fragmento de

placa de xisto, lâmina de sílex, dormente de mó manual, geométricos e uma ponta de seta pedunculada; Henriques *et al.*, 1993:160 - 164).



Figura 8 - Tapada da Ordem.

De cronologias romana a moderna foram documentadas duas manchas de ocupação (com 12400 m² e 1600 m² de dimensão; Santos 1999:19) evidenciadas por materiais cerâmicos, incluindo tégula, dolia, ânfora e peso de tear, mós rotativas, em granito, materiais de construção (lajes de metagrauvaque), *opus signinum* (Henriques *et al.*, 1993:165-151; Santos 1999:19) e uma ara dedicada a *Arantio Tanginiciaeco* (Encarnação, 1975; Garcia, 1984).

A sepultura 19 tem um alargamento abaulado na área que corresponde ao braço direito, individualizando a cabeceira. Este alargamento foi executado depois da construção original do monumento (reutilização) porque lhe destruiu o rebordo que se mantém no restante perímetro. No lado norte o rebordo alinha com o limite do afloramento. Está distanciado 7 m a oeste da sepultura seguinte. A sepultura 20 está ao nível do solo no lado norte e cerca de 60 cm acima deste no lado sul. Na área dos pés, o lado norte do rebordo apresenta-se destruído. O afloramento que suporta a sepultura 21 tem 30 cm de destaque acima do solo. Tem a dimensão de uma criança e não tem rebordo definido. No sítio dos pés o limite tem uma reentrância. A sepultura 22 está parcialmente entulhada. O lado norte é rectilíneo da cabeça até aos pés. No lado sul existe um estrangulamento no terço inferior, no sector dos pés. O terço inferior da sepultura 23 parece estar destruído e encontra-se ocupado por carrasqueiros e estevas. O rebordo é muito incipiente. Está ao nível do solo no lado norte e 60 cm acima deste no lado sul. A

sepultura 24 encontra-se parcialmente entulhada. Foi escavado em afloramento baixo. O rebordo está parcialmente destruído na cabeceira e no lado norte. No lado sul tem pequenas lesões. Na sepultura 25 o rebordo sul está ao nível do solo. O sector norte parece ter sido alargado, principalmente na área do abdómen. A sepultura 26 está implantada em plano inclinado. No lado sul o rebordo está ao nível do solo e do lado norte destaca-se com cerca de 70 cm de altura. Nos lados norte e sul este rebordo encontra-se esmagado pela passagem de maquinaria pesada. Está parcialmente entulhada.

3.8. Necrópole da Fonte de Santiago

Este lugar está posicionado 2,5 km a leste de Rosmaninhal. Há referências a ter ali existido uma capela dedicada ao apóstolo São Tiago, da qual não restam vestígios. José Pinheirinho (2001:93) assinala dois registos relativos a esta capela, um datado de 1505 e outro de 1678. Mário Chambino (2000:53) discorda de tal existência e aponta a localização dessa capela na Devesa Pública, junto ao forno da telha.



Figura 9 - Fonte de Santiago.

Mário Chambino (1977 e 1986), Henriques *et al* (1993:117) e Cassilda Santos (2003) assinalam na Fonte Santiago uma ocupação da época romana evidenciada por mancha de distribuição de materiais com uma área de 52 500 m² e uma pedreira antiga com uma área de cerca de 3750 m². Entre os materiais identificados à superfície, distribuídos no interior de propriedades muradas, constam cerâmicas de vários tipos (tégulas, *imbrices*, *dolia*, tijolos, pesos de tear, lucernas, um bico de ânfora, *terra sigillata*, hispânica e clara A), pesos de rede em chumbo, pregos, uma fíbula anular, gangas de fundição, vidro, pesos em seixos de quartzito, fragmentos de mós giratórias, granito aparelhado (exógeno), um pequeno lagar e uma árula em arenito (Encarnação *et al.*, 2011) onde foi lido o seguinte texto: A Júpiter Óptimo Máximo – os Vicanos Nertaicenses [?].

As sepulturas escavadas na rocha são referidas por todos os autores que se referem a este sítio, divergindo quanto à sua quantidade. Mário Chambino (1986) assinala onze sepulturas, Henriques *et al* (2003:118) registam seis e Cassilda Santos (2003) apenas duas, as mais próximas da fonte. No presente inventário documentamos dez sepulturas. A variação da quantidade poderá resultar do efeito de ocultamento provocado por sucessivas lavras.

As sepulturas 27 a 30 ficam próximas umas das outras. Duas estão na margem direita do ribeiro do Castelo (29 e 30) e as outras duas na outra margem (27 e 28). As sepulturas 27 e 28 estão lado a lado. A sepultura 30 tem uma pequena almofada de cabeceira com 20 cm de comprimento. As sepulturas 31 e 32 encontram-se entulhadas. Esta última está fracturada na cabeceira. A sepultura 27 faz par com a 28. Tem rebordo regular em todo o perímetro. A sepultura 28 tem rebordo irregular, principalmente no lado sul, devido a mau estado de conservação, estando regular na cabeceira e nos pés. A cabeceira está marcada de modo suave no fundo da sepultura. A sepultura 29 está implantada no leito do ribeiro do Castelo. O rebordo, com diferentes espessuras, envolve todo o túmulo. Junto da sepultura existe um corte no afloramento, em forma de degrau, em plena linha de água, por onde esta escorregue. Este corte tem 3 m de comprimento e 30 cm de largura. Na sepultura 30 o rebordo está completo mas mal conservado em alguns pontos do seu perímetro. A cabeceira tem uma suave almofada com 20 cm de comprimento, mas a sua cota é inferior à dos pés. O afloramento onde foi aberta a sepultura 31 está ao nível do solo e por esse motivo encontra-se parcialmente entulhada. O rebordo está destruído em vários pontos do seu perímetro, principalmente no lado sul. A sepultura 32 era destinada a criança. No lado norte, no sector da cabeça, observa-se um alargamento com pátine antiga (espaço para o braço direito), acrescentado à sepultura original. Em redor da sepultura, principalmente na metade oeste, o afloramento foi desbastado, por picotagem, para nivelamento. A sepultura 33 foi aberta em afloramento baixo, abaulado e também era destinada a criança. A sepultura 34 tem cavidade profunda, quando comparada com as restantes. A parede desta sepultura foi parcialmente destruída no lado sul, atingindo o fundo da cavidade. O rebordo

envolve a estrutura, excepto no lado sul onde coincide com o afloramento. Foi parcialmente destruído na cabeceira. Tem almofada para a cabeceira e um septo para os pés. Este último elemento seria mais simbólico que funcional, porque os compartimentos separados pelo septo têm 3 cm e 7 cm de largura, uma dimensão incomportável para cada um dos pés. A sepultura 35 situa-se 5 m a poente da 33. É atravessada diagonalmente por uma fractura que fendeu o rebordo. A sepultura 36 tem dimensão de criança e foi reutilizada. No fundo da cavidade foi escavada uma outra, de menores dimensões, com 93 cm de comprimento e 26 cm de largura. O afloramento destaca-se poucos centímetros acima do solo.

3.9. Necrópole de Santa Madalena

Esta necrópole (Figura 10) desenvolve-se na periferia da capela de Santa Madalena, cerca de 3 km a sudoeste de Rosmaninhal e escassos metros a norte da estrada que liga Rosmaninhal a Soalheiras.



Figura 10 - Santa Madalena.

A capela terá sido construída no séc. XVII (Pinheirinho, 2001:87) e sofrido várias reparações posteriores, a última das quais nos anos 70, do século passado, quando lhe acrescentaram um alpendre e um recinto circundante. Tem duas imagens, uma de Santa Madalena, vulgarmente designada pela “Santa”, e outra de Santa Luzia. Continua ao culto e tem romaria na segunda-feira de Páscoa. O local é servido por uma boa rede de caminhos em terra batida, de cronologia indeterminada, e pela estrada referida. Perto da capela, mas em cota inferior, existe uma fonte Santa. De assinalar também a existência de propriedades muradas em ambos os lados da estrada, o que não é muito comum nesta freguesia.

Na área envolvente da necrópole, sobretudo a sudoeste e a noroeste, foram identificados duas manchas de materiais, atribuíveis às épocas romana e medieval, consubstanciadas em quantidade significativa de cerâmica comum e um fragmento de mó rotativa (Henriques *et al*, 1993:156). A mancha sudoeste tem cerca de 1200 m² de dimensão e a mancha noroeste ronda 14000 m² (Santos, 2003: 24 e 25). Também foram identificados vários afloramentos com covinhas.

As sepulturas escavadas na rocha distribuem-se a norte e a sul da estrada que liga Rosmaninhal a Soalheiras. Esta distribuição densifica-se em redor da capela e da fonte Santa. Henriques *et al* (1993) registam sete sepulturas, seis a norte da estrada e uma a sul. No âmbito do presente estudo foram documentadas onze, tendo uma delas sido destruída ou soterrada aquando do melhoramento do caminho, de terra batida, na área da fonte.

Jordina Sales (citada por Branco & Vieira, 2008:145) refere que, na Catalunha, os templos se tornam indissociáveis das necrópoles a partir do séc. V, circunstância que se generaliza nos sécs. VI e VII.

A sepultura 37 foi destruída ou soterrada pela reparação do caminho. Na sepultura 38 foram destruídas as paredes sul e oeste. É utilizada como fogareiro em ocasiões festivas e encontra-se cheia de pedras, para abafarem as brasas, carvão e cinzas. Nos lados não destruídos não apresenta rebordo. O afloramento onde foi aberta a sepultura 39 está ao nível do solo, o que facilita o seu entulhamento. O rebordo, no lado norte, encontra-se esmagado pela passagem de maquinaria agrícola pesada. Na sepultura 40 o rebordo do lado norte está ao nível do solo e em mau estado de conservação, também devido à passagem de maquinaria pesada. Mantém-se no restante perímetro. No lado sul o afloramento tem um desnível superior a 1 m. A sepultura 41 situa-se no interior de um nódulo de vegetação densa e o rebordo norte não se pode observar convenientemente. O espaço para o braço direito foi talhado provavelmente após a escavação primária, tendo em consideração a diminuição da espessura da parede no lado sul. No rebordo observa-se regularização do afloramento em alguns pontos, mediante picotagem grosseira. A sepultura 42 está completamente entulhada. O contorno da cavidade destaca-se do afloramento pela distribuição da vegetação herbácea. A sepultura 43 está situada na berma de um caminho, em situação de risco

caso este seja alargado. O limite inferior é arredondado. No lado norte, a passagem da cabeça para os ombros tem um desvio de 9 cm e no lado sul de apenas de 2 cm. Do rebordo elevado restam vestígios nos pés, apesar de parcialmente destruído, e na cabeceira. A destruição do rebordo segue um padrão observado noutras sepulturas. Na sepultura 44 o afloramento está ao nível do solo no lado norte e tem 1 m de altura no lado sul. O rebordo observa-se na cabeceira e nos pés. Se existiu nos lados norte e sul pode ter sido danificado. A sepultura 45 é atravessada por uma fractura transversal no terço superior. O rebordo é observável nos lados norte e oeste e não houve o cuidado de o nivelar mediante picotagem. A parede tumular foi destruída no sector dos pés talvez para drenar a cavidade para o exterior do afloramento. A sepultura foi alargada na área do abdómen para encaixe do braço esquerdo. A sepultura 46 tem o rebordo parcialmente destruído na cabeceira e nos pés. Na sepultura 47 o rebordo observa-se apenas na cabeceira. Parece ter sido reutilizada com a abertura de espaço para encaixe do braço esquerdo.

3.10. Análise das principais características das sepulturas

Na análise das principais características destas sepulturas seguimos a ordem de parâmetros indicados na Tabela 1.

O modo de agregação das sepulturas está documentado no Quadro 1 que regista apenas um caso de sepultura isolada (Campinho ou Ti Barroso). Existem três grupos de duas ou três sepulturas (Corcho, Fazendão e Febre Amarela) e cinco necrópoles (Santa Marina, Parra, Tapada da Ordem, Fonte de Santiago e Santa Madalena). Constatamos que mais de metade dos sítios são necrópoles. Contudo o contraste é mais acentuado se contabilizarmos a distribuição das sepulturas por aquelas três categorias de agregação. Cerca de 17% das sepulturas distribuem-se em grupos de duas ou três ou estão isoladas e cerca de 83% formam necrópoles. Em sepulturas do distrito de Évora foi detectada idêntica situação (Tente & Lourenço, 2002:252).

Quadro 1 – Modos de agregação das sepulturas

Modos de agregação	Grupos		Sepulturas	
	quantidade	%	quantidade	%
Sepulturas isoladas	1	11	1	2
Grupos de duas e três sepulturas	3	33	7	15
Necrópoles	5	56	39	83

Das 39 sepulturas agrupadas em necrópole, oito (17%) estão isoladas, dentro da respectiva necrópole, e 31 (66%) encontram-se em conexão espacial com outras. As investigadoras Tente e Lourenço (2002:252) registam idêntica característica nas sepulturas do distrito de Évora.

Quanto à orientação (Quadro 2), de um modo geral, as sepulturas têm a cabeceira voltada a oeste, seguindo os preceitos canónicos de contemplar Deus, que se

apresentaria a oriente, no dia do Juízo Final. Contudo, observa-se uma amplitude de 40 graus, entre 260° e 300°, na variação da orientação que pode ser explicada pelo nascer do sol ao longo das diferentes estações do ano (Branco & Vieira, 2008:143; Barroca, 2010-2011:133). Este desvio ocorre noutras necrópoles peninsulares contemporâneas. Esta orientação segue o ritual romano-cristão e não o germânico que habitualmente usa a direcção norte-sul.

Quadro 2 - Orientação das sepulturas

Orientação (°)	Quantidade de sepulturas	%
260	3	6
265	1	2
270	21	45
275	2	4
280	6	13
290	8	17
300	2	4
Indeterminado	4	9

Verificamos que quase metade dos túmulos tem uma orientação de 270°. A tendência dos restantes é uma orientação superior a 270°, com destaque para 280° e 290°. Nas sepulturas da província de Cáceres, analisadas por Antonio Gonzalez Cordero (1990), não foi observado este padrão de orientação.

A orientação do plano de xistosidade do suporte não é muito diferente da orientação do eixo das sepulturas, conforme documentado no quadro 3. De facto, verifica-se que o plano de xistosidade dos afloramentos varia também de 260° a 300°. Trinta e três sepulturas (70%) assentam sobre afloramentos cujo plano de xistosidade varia entre 270° e 280°.

Procurou-se conhecer a correlação entre a orientação das sepulturas e a orientação do plano de xistosidade. Verifica-se que apenas 16 sepulturas (34%) seguem o plano de xistosidade e que 29 (62%) dele divergem, embora, por vezes, com um pequeno desvio. Não temos dados para duas sepulturas. No caso das sepulturas medievais do distrito de Évora, C. Tente e S. Lourenço (2002:255) defendem que o alinhamento da xistosidade da rocha condiciona a orientação das sepulturas. Em Rosmaninhal não reconhecemos esse condicionamento, considerando que o desvio, entre as duas orientações, é de poucos graus.

Quadro 3 - Orientação do plano de xistosidade dos suportes

Orientação do plano de xistosidade (°)	Quantidade de sepulturas	%
260	1	2
265	1	2
270	12	26
275	8	17
280	13	28
290	3	6
300	5	11
Indeterminado	4	9

Dos cinco estados relativos à conservação destes monumentos (inteira com tampa, inteira sem tampa, fracturada, inacabada e destruída) estão representados apenas dois: inteira sem tampa, com 37 exemplos (79%); fracturada, com seis casos (13%). Falta informação para quatro sepulturas (9%).

Quanto à tipologia geral, existem três diferentes realidades: seis são de tipologia antropomórfica (13%); 35 (74%) são de tipo não antropomórfico; para seis sepulturas não se obteve informação (13%). As 18 sepulturas estudadas no distrito de Évora por C. Tente e S. Lourenço (2002:252) são exclusivamente de tipo não antropomórfica, que justificam com a “dificuldade de precisão no talhe do xisto, o que dificultaria a realização de um talhe mais fino como aquele que é necessário para definir as áreas da cabeça, pés ou braços”. Aquelas autoras concluem (Tente & Lourenço, 1998: 204) que as sepulturas antropomórficas atingem percentagens superiores a 80% nos concelhos de Gouveia e Carregal do Sal.

As sepulturas de Rosmaninhal foram integralmente escavadas no substrato rochoso, mas permanece uma dúvida no caso da sepultura 11 (Santa Marina), cuja cabeceira pode ter sido fechada com uma placa de xisto, introduzindo, desse modo, um elemento móvel na construção. Também se desconhece o modo de cobertura destas sepulturas porque dele não restam vestígios.

O quadro 4 documenta a repartição das 35 sepulturas não antropomórficas pelos sub-tipos convencionados na Tabela 1.

Constatamos que as sepulturas têm configuração predominantemente rectangular (rectangular e sub-rectangular), em número de 18 (51%), e trapezoidal (trapezoidal e sub-trapezoidal), em 13 casos (37%). As seis sepulturas antropomórficas têm configuração mais heterogénea; duas são trapezoidais, duas outras são assimétricas, uma é sub-rectangular e outra subtrapezoidal.

A cabeceira destas seis sepulturas é também heterogénea; uma tem formato rectangular, duas são trapezoidais e três sub-rectangulares.

Quadro 4 - Tipologia das sepulturas não antropomórficas

Tipologia	Quantidade	%
Rectangular	10	29
Trapezoidal	7	20
Ovalada	1	3
Sub-rectangular	8	23
Assimétrica	3	9
Subtrapezoidal	6	17

Devido ao estado de entulhamento das sepulturas não se dispõe de informação acerca do plano de cabeceira (C2) em 26 sepulturas (57%). Das restantes, 18 (39%) têm a cabeceira e o leito no mesmo plano e apenas duas (4%) têm cabeceira e leito em planos diferentes.

Para a caracterização dos pés (P1) não se dispõe de informação para 27 casos (57%), também devido ao entulhamento da cavidade funerária. Dezoito sepulturas (38%) não têm pés destacados e apenas duas (4%) têm um septo a separá-los.

No que concerne ao plano da área dos pés (P2) os valores estão muito próximos dos que caracterizam o plano de cabeceira (C2). Em 18 (38%) sepulturas o leito e os pés estão no mesmo plano, em três (6 %) casos o leito e os pés estão em planos diferentes e, finalmente, não se tem informação para 26 (55%) monumentos.

Vinte e oito sepulturas (60%) conservam o rebordo (R1) em todo o perímetro do monumento, em 13 (28%) existe de modo parcial e para seis (13%) sepulturas não temos informação.

Neste conjunto, o tipo de rebordo é pouco variável: sete (15%) têm rebordo horizontal; 35 (74%) rebordo elevado; em cinco casos (11%) não temos informação.

O corte transversal das sepulturas tem forma subtrapezoidal fechada (2%) numa sepultura, assimétrica (2%) numa outra, subtrapezoidal aberta em onze (23%) sepulturas, rectangular em oito (17%) casos, subrectangular em três (6%) e para 23 (49%) não temos informação.

Quadro 5 - Corte longitudinal das sepulturas

Tipologia	Quantidade de sepulturas	%
Rectangular	7	15
Sub-rectangular	9	19
Assimétrica	2	4
Subtrapezoidal fechado	5	11
Subtrapezoidal aberto	2	4
Indeterminado	22	47

No corte longitudinal existe uma maior variedade de formas como se documenta no quadro 5.

Quanto à largura das sepulturas tivemos apenas em consideração a *largura a meio*, que na quase totalidade dos casos corresponde à largura máxima. Este parâmetro varia entre 22 cm e 60 cm. Os valores inferiores correspondem a sepulturas de criança. Como se observa no quadro, os valores situadas entre 36 cm e 55 cm são os mais comuns, com 36 casos que representam 77% do total.

Quadro 6 - Largura das sepulturas, a meio

Largura a meio	Quantidade de sepulturas	%	Somatório %
21 - 25 cm	2	4	77
26 - 30 cm	2	4	
31 - 35 cm	2	4	
36 - 40 cm	11	23	
41 - 45 cm	7	15	
46 - 50 cm	12	26	
51 - 55 cm	6	13	
56 - 60 cm	2	4	
Indeterminado	3	6	

A representação do comprimento das sepulturas está documentada no quadro 7. A primeira constatação é que em quase dois terços dos casos o comprimento está compreendido entre 161 cm e 190 cm, tal como ocorre nas sepulturas medievais do distrito de Évora (Tente & Lourenço, 2002:255). Dez sepulturas (22%) são infanto-juvenis. As autoras citadas consideram que as sepulturas com comprimento inferior a 150 cm foram ocupadas por corpos de criança.

Quadro 7 - Comprimento das sepulturas

Comprimento	Quantidade	%
71 - 100 cm	1	2
101 - 130 cm	3	6
131 - 160 cm	6	13
161 - 190 cm	30	64
191 - 220 cm	2	4
Indeterminado	5	11

Tendo em conta o princípio, comumente aceite, que a sepultura devia exceder em 10 a 15 cm o tamanho do corpo do defunto, verificámos que a altura mais comum dos inumados é a que varia entre 146 cm e 180 cm (quadro 8). Estes valores são comparáveis aos documentados na Extremadura espanhola (Gonzalez Cordero, 1990:276), com variações entre 160 cm e 165 cm.

A profundidade média das sepulturas varia entre 21 cm e 40 cm, como se mostra no quadro 9.

As sepulturas infanto-juvenis não ultrapassam, em média, os 30 cm de profundidade. Não encontramos sepulturas com profundidade superior a 40 cm. A maioria das sepulturas (62%) tem profundidade média que varia entre 26 cm e 40 cm. Em 14 casos o desconhecimento da profundidade das sepulturas resulta do seu estado de entulhamento.

Quadro 8 - Relação entre o comprimento das sepulturas e a altura dos inumados

Comprimento das sepulturas	Quantidade de sepulturas	%	Altura aproximada dos inumados
71 - 100 cm	1	2	56 a 61 - 85 a 90 cm
101 - 130 cm	3	6	86 a 91 - 115 a 120 cm
131 - 160 cm	6	13	116 a 121 - 145 a 150 cm
161 - 190 cm	30	64	146 a 151 - 175 a 180 cm
191 - 220 cm	2	4	176 a 181 - 205 a 210 cm
Indeterminado	5	11	-

Quadro 9 - Profundidade média das sepulturas

Profundidade média das sepulturas	Quantidade de sepulturas	%
21 - 25cm	4	9
26 - 30 cm	11	23
31 - 35 cm	9	19
36 - 40 cm	9	19
Indeterminado	14	30

A profundidade das sepulturas não é uniforme, sendo menor nas áreas da cabeceira e dos pés e maior na área central.

Em termos de implantação, todas as sepulturas foram abertas em afloramento rochoso.

No quadro 10 caracteriza-se o tipo de implantação topográfica.

Quadro 10 - Implantação topográfica das sepulturas

Implantação topográfica	Quantidade de sepulturas	%
Vale	13	28
Encosta	20	43
Monte	2	4
Esporão	3	6
Planalto	9	19

Os dados disponíveis indicam que as encostas e os vales são os sítios preferidos para instalar as sepulturas. Esta circunstância pode ser explicada pela existência de maiores e melhores afloramentos nessas posições. Mas também parece haver uma correlação entre as disponibilidades de água (nascentes, linhas de água de maior ou menor importância) e a localização das sepulturas. Contudo a correlação com a água terá sido determinada, primariamente, pela localização dos povoados, carentes daquele recurso, e junto dos quais as sepulturas se foram instalando. Mas esta proximidade pode também ser explicada pela necessidade da lavagem ritual do corpo do defunto, ocorrida talvez no espaço funerário e não em casa (Barroca, 2010-2011:134).

As sepulturas encontram-se implantadas em locais sem proeminência espacial, fenómeno também observado para as sepulturas de Carregal do Sal e de Gouveia (Tente e Lourenço, 1998: 210). Em Rosmaninhal destaca-se o caso da sepultura 38 (Santa Madalena) escavada no topo de um monte com ampla vista panorâmica.

A implantação cultural das sepulturas de Rosmaninhal reparte-se por duas únicas realidades: junto da capela de Santa Madalena (11 sepulturas, 23%); junto a sítios com ocupação alto-medieval (36 sepulturas, 77%). Entretanto, esta convergência é cronologicamente mais alargada dado que todas as sepulturas se situam junto de sítios com ocupação romana / alto-medieval e caminhos de cronologia indeterminada, mas que podem remontar aos períodos mencionados.

Assumimos, invariavelmente, a função funerária destas estruturas negativas, abertas em substratos rochosos. Contudo, existem outras teses acerca da sua funcionalidade, como é o caso de A. Carvalho, a partir da realidade do concelho de Idanha-a-Nova. Para este investigador “as «sepulturas» escavadas na rocha serão, não sepulturas cristãs, mas taurobólios mitraicos, utilizados antes e depois do século IV, onde os iniciados eram aspergidos com o sangue do touro. «Sepulturas» será a designação por força da falta de outra palavra e pela força do processo de cristianização que, não podendo apagar, apropria-se” (Carvalho, 2009).

4 Povoamento romano-medieval na área de Rosmaninhal

A edição de 1993 da Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino, 1993:23-27) proporciona uma visão da distribuição de onze sítios romanos e onze sítios medievais – modernos, identificadas até essa data no território de Rosmaninhal, sobre mapa hipsométrico esquemático.

Constata-se haver uma coincidência entre as localizações de alguns dos sítios romanos com outros de cronologia medieval, interpretada como perduração da ocupação do mesmo espaço. Nesse inventário as sepulturas foram tratadas em ficha autónoma e atribuídas sistematicamente à Idade Média.

Cassilda Santos (1999) regista 25 sítios romanos na freguesia do Rosmaninhal, dois deles como áreas mineiras, e sepulturas apenas em Santa Madalena. Cremos que muitos dos sítios mencionados por C. Santos terão uma origem romana mas a sua ocupação terá perdurado para além daquela época, em particular ao longo da Idade Média.

Registamos 17 sítios com *habitats* romano-medievais na área em causa, com um padrão que podemos classificar de disperso. Distribuem-se uniformemente pelo território, excepto na margem esquerda do ribeiro do Freixo, no sudoeste do território do Rosmaninhal, onde escasseiam. Mas só foram identificadas sepulturas em cerca de metade dos sítios com ocupação romana e medieval (Figura 1).

Os sítios de *habitat* com sepulturas apresentam, quase sempre, características comuns como a associação a áreas muradas (tapadas) - escassas nesta área de pecuária extensiva -, a caminhos de terra batida com alguma importância, actual, a fontes / nascentes ou a de linhas de água, corrente durante o inverno e a primavera.

Parece-nos pertinente conectar estas sepulturas aos *habitats* romano-medievais que lhes estão associados espacialmente, embora com as reservas decorrentes da inexistência de trabalho arqueológico aprofundado.

Verificamos que 29 (62%) das 47 sepulturas se situam no aro da povoação do Rosmaninhal (Santa Madalena, Tapada da Ordem e Fonte de Santiago) e formam necrópoles.

5 Considerações finais

O conjunto de 47 sepulturas apresentado neste texto é caracterizado por uma mesma unidade geográfica / administrativa (freguesia de Rosmaninhal), pela invariância do tipo de suporte geológico (metagrauvaques), por um mesmo enquadramento arqueológico (sítios de *habitat* de cronologia romano-medieval). Nenhuma delas foi escavada por arqueólogo. Todas estão ou já estiveram vazias e não existem vestígios de tampas.

Na bibliografia consultada constatámos serem mais abundantes os estudos de sepulturas escavadas em suporte granítico. A menor representação de estudos em suportes metasedimentares pode resultar da menor monumentalidade das sepulturas, da sua menor visibilidade e pior estado de conservação. A maior dureza do granito e a disponibilidade de afloramentos mais volumosos, elevados e amplos, podem ter contribuído para uma melhor preservação destas estruturas negativas. António Gonzalez Cordero confirma esta perspectiva, em estudo sobre as sepulturas da vizinha Extremadura espanhola, ao afirmar que “las tumbas se concentran preferentemente entre las masas de granito, espaciándose más en las pizarrosas, a las que se las puede clasificar como material de segunda categoría” (Gonzalez Cordero, 1990: 274).

A partir do conhecimento desta área, formado nas últimas quatro décadas, cremos que a maior ameaça à conservação destes monumentos reside no revolvimento profundo do solo ou na simples passagem da maquinaria pesada, provocando danos irreversíveis. Estes estragos poderiam ser facilmente evitados pondo em prática medidas simples de gestão destes recursos culturais assim houvesse consciência do seu valor.

Nas sepulturas escavadas em suportes metasedimentares, com estratificação geralmente vertical, é fácil ocorrer um destaque de lâminas de rocha, deformando a cavidade funerária, principalmente no interior e nos bordos. Por outro lado, como já referido, os afloramentos não são volumosos e as sepulturas ocorrem em níveis quase térreos o que facilita o seu fácil soterramento pela lavoura e pela erosão natural dos solos. Consequentemente, devido à irregularidade da sua manufactura e ao mau estado de conservação, estas sepulturas não têm o atractivo estético que se associa, de modo mais imediato, às que foram escavadas no granito, sendo, talvez, também mais facilmente desprezadas.

Em muitas sepulturas identificou-se um padrão de mutilação, ao nível dos bordos, também representado em suportes graníticos. Uma das paredes da sepultura encontra-se rebentada, frequentemente na cabeceira ou

nos pés. Terá sido violação ou um modo de ventilar a cavidade funerária?

Outras sepulturas possuem no rebordo inferior, ao nível dos pés, um espaço côncavo ou rectangular, passível de permitir o acesso ao interior do túmulo. A finalidade seria a também a ventilação? Em alguns casos observam-se drenagens orientadas da cavidade para o bordo do afloramento. Excluimos a hipótese destes túmulos terem sido reutilizados como lagares, após o seu uso primário como sepulturas.

Constatámos que pelo menos oito sepulturas foram reformuladas após um primeiro momento. Em três houve um alargamento para o braço direito (19, 32 e 41, respectivamente da Tapada da Ordem, da Fonte de Santiago e de Santa Madalena), noutras quatro observa-se um alargamento para o braço esquerdo (22, 25, 45 e 47, de Ti Barroso, da Tapada da Ordem e de Santa Madalena as duas últimas). Admitimos que estes alargamentos foram efectuados após uma construção e utilização primárias. O melhor exemplo desta reformulação está documentado na sepultura 18 da Tapada da Ordem que foi alargada ao nível do braço direito com a destruição do rebordo, que teria existido em todo o perímetro da sepultura. Noutros casos o alargamento é materializado mediante a mutilação das lâminas de xistosidade da rocha, até cerca de metade a três quartos da altura da sepultura, ficando com a parede escadeada. Outro exemplo ilustrativo é o monumento 36 da Fonte de Santiago, uma sepultura de criança, com 139 cm de comprimento e 32 cm de largura, em cujo interior foi escavada uma cavidade de menor dimensão, com 93 cm de comprimento e 26 cm de largura.

Nesta freguesia não encontramos sepulturas reutilizadas para outros fins, como por exemplo bebedouros para gado ou lagares para vinho, transformações que se observam noutras regiões, principalmente em suportes graníticos. A excepção são algumas sepulturas da necrópole de Santa Madalena usadas como lareiras no dia da festa.

Propomos o período tardo-romano / visigótico para o início da construção das sepulturas escavadas na rocha em Rosmaninhal, com continuação nos séculos seguintes. Trata-se de uma proposta provisória, em virtude da ausência de escavações, mas que pondera o seu contexto arqueológico directo, materializado nos sítios de *habitat*, rural, atrás caracterizados.

Esta realidade é semelhante à documentada na província de Cáceres com uma proliferação de sepulturas escavadas na rocha em áreas de romanização mais intensa (Gonzalez Cordero, 1990: 274, 282-283). Outros autores (Barroca, 1983:96-97; Marques & Gama, 1992:127; Pinto, 2001: 59; Pinto, 2004:56; Santos, 1993:15; Tente & Lourenço, 2002: 256; Valera, 1990:9-11) também associam as sepulturas a *habitats* romano-medievais. Para o Entre Douro e Minho, Mário Barroca (1987:137-140) defende que a construção de sepulturas não antropomórficas teve início no séc. VI.

C. Tente e S. Lourenço (1998:209) alertam que “muitos dos achados associados espacialmente às sepulturas, como a *tegulae* e cerâmicas comuns, ou fazem parte de uma estação arqueológica de época diferente à das sepulturas, havendo uma coincidência espacial de períodos temporais divergentes, ou de facto são da mesma época, tratando-se de materiais com longas diacronias, que se encontram descontextualizados.” Para o conjunto funerário de Rosmaninhal inclinamo-nos para a segunda hipótese colocada por aquelas investigadoras e apontamos o lapso de tempo entre os sécs. VI a X para a sua construção, ocupação e reocupação.

No que concerne aos rituais de morte e exceptuando a condenação do enterramento no interior dos templos, a Igreja, até época muito tardia, não impôs disposições que obrigassem as populações a seguir um ritual rígido de enterramento (Branco & Vieira, 2008:142). O enterramento era uma cerimónia particular e não litúrgica (Barroca, 1987:123).

No contexto deste estudo, os corpos seriam envolvidos em sudários e depositados, directamente, em decúbito dorsal na sepultura, sem recorrer a caixão. Após a reformatação da sepultura, com a abertura de espaço para o braço direito, ou esquerdo, o defunto passaria a ser sepultado em decúbito lateral (esquerdo ou direito).

Desconhecemos se os corpos eram cobertos por terra. A sepultura seria provavelmente encerrada com blocos de pedra, por um *tumulus* de terra ou por uma combinação de ambas as soluções, mas de que não restam quaisquer vestígios em Rosmaninhal.

Defendemos que, nesta área, o modelo de povoamento rural do passado não terá sido muito diferente do actual, com uma população distribuída por *montes* (arraiais) de importância diferenciada, dedicada à pastoreio de vacas e ovelhas.

6. Bibliografia

ALARCÃO, J. de & BARROCA, M. (2012) - *Dicionário da Arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas Editora, Lisboa.

BARROCA, M. J. & MORAIS, A. C. (1983) – “Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)”, (GEAP), *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 92-101.

BARROCA, M. J. (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*, dissertação para provas públicas de capacidade científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: policopiado.

BARROCA, M. J. (2010-2011) – “Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho”, *Portvgalia*, nova série, 31-32, DCTP-FLUP, Porto, pp. 115-182.

BATISTA, J. (1998) - *Carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*, Preservação, 17, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

BRANCO, G.& VIEIRA, M. A. (2008) - *Outeiro do Vale: Sepulturas de Nogueira de Côta (Côta, Viseu)*, CuPAUAM 34, p. 125-146.

CARDOSO, A. (2005) - *As forçadas e as sepulturas escavadas na rocha II*, <http://algodres.blogs.sapo.pt/tag/sepulturas+escavadas+na+rocha>

CARDOSO, A.(2005) - *As forçadas e as sepulturas escavadas na rocha I*, <http://algodres.blogs.sapo.pt/tag/sepulturas+escavadas+na+rocha>.

CARDOSO, J. L. (2008) – “The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions”, *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula* (P. Bueno-Ramírez, R. Barroso- Bermejo, R. de Balbín-Behrmann, eds.), BAR International Series 1765, Oxford : 103-115.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. & HENRIQUES, F. (2003) – “Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)”, *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, nova série, 21, Lisboa, pp.151-207.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) – “A anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova)”, *Estudos Pré-Históricos*, 5, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira pp. 9-28.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997a) – “Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional”, actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 23-28 Setembro 1996), tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce, Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 207-215, Zamora.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2000) - “Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: Estudo comparado”, actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, *Trabalhos de Arqueologia*, 16, Instituto Português de Arqueologia, pp. 195-214, Lisboa.

CARDOSO, J. L., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1995a) – “A anta 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova)”, *Estudos Pré-Históricos*, 3, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 9-28.

CARDOSO, J. L., GOMES, M. V., CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1995) – “O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)”, *Estudos Pré-Históricos*, 3, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 5-17.

CARVALHO, A. M. R. (2009) – “O culto de Mitra e as sepulturas escavadas na rocha”, *Açafa on line*, 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, 23 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/O_Culto_de_Mitra_e_sepulturas_em_rocha.pdf

CHAMBINO, M. (1977) – “Fonte de San’Tiago”, *Pelourinho*, 1, Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Rosmaninhal, pp. 2 e 3.

CHAMBINO, M. (1986) – “Estação romana da Fonte de San’Tiago”. *Arqueologia da Beira Baixa* – livro das 1ª Jornadas de Arqueologia da Beira Baixa (1979). Arcinpe, Castelo Branco, pp. 41-50.

CHAMBINO, M. (2000) – “Rosmaninhal, lembranças de um mundo cheio”, *Açafa*, 3, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão,

- CHAMBINO, M. (2009) – “Estelas medievais da igreja matriz do Rosmaninhal”, *Açafa on line*, 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- CODINHA, S. (2008) – “Paleobiologia do material osteológico recuperado da capela de Nossa Senhora do Castelo (Vila Velha de Ródão)”, *Açafa on line*, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- http://www.altotejo.org/acaafa/docs/Estudos_e_Trabalhos/Paleobiologia_da_Capela_da_Sra_do_Castelo.pdf
- D'ENCARNAÇÃO, J. (1975) - *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, INCM, Lisboa.
- D'ENCARNAÇÃO, J., CHAMBINO, M. L. & HENRIQUES, F. (2011) – “Duas novas epígrafes do concelho de Idanha-a-Nova”, *Açafa on-line*, 4, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- GARCIA, J. M. (1984) – “Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares de Proença Júnior”, Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco.
- GOMES, M. V. (2002) – “A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5 (2), Lisboa, pp. 339-391.
- GONZALEZ CORDERO, A. (1990) – “Los sepulcros excavados en la roca de la provincia de Cáceres”, *Arqueologia – Paleontologia y Etnografia*, 4, Jornadas Internacionales “Los Visigodos y su Mundo, Madrid, pp. 272-284.
- HENRIQUES, F. & CANINAS, J. (2004) – “O megalitismo da região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores”, *catálogo da Exposição “Arqueologia: coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior”*, Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr, pp. 28-35, Castelo Branco.
- HENRIQUES, F. R., SABROSA, A. & MONTEIRO, M. (2008) – “Intervenções arqueológicas na capela da Senhora do Castelo e no Castelo de Ródão”, *Açafa on line*, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. & CARDOSO J. L. (1999) – “Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação”, *História*, nova série, 18, pp. 68-74, Lisboa.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. (1998) - *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Proença-a-nova, Castelo Branco, Idanha-a-nova*. Projecto ALTEJO – Pré-História recente na margem direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. (1999) - *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova*. Projecto ALTEJO – Pré-História recente na margem direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. (2000-2001) - *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa*. Projecto ALTEJO – Pré-História recente na margem direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1993) – “Carta arqueológica do Tejo Internacional”, vol. 3 (Idanha-a-Nova). *Preservação*, 14-16. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1995) – “Carta arqueológica do Tejo Internacional”, vol. 2. *Preservação*, 14-16. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. L. (2004) - *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova*. Associação de Estudos do Alto Tejo.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. L. (2008a) – “Cartografia arqueológica nos rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco) - Primeira notícia”, *Açafa on-Line*, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. L. (2009) - *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica na área dos concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., CARDOSO, J. L. & CHAMBINO, M. L. (2011) “Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal)”, *British Archaeological Reports*, International Series 2219 -2011, edited by P. Bueno Ramirez, E. Cerrillo Cuenca, A. Gonzalez Cordero, Oxford, pp. 199-218.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., CHAMBINO, M. & CAMISÃO, V. (2008) – “Cartografia arqueológica da freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova). Primeira notícia”, *Açafa on line*, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.
- MARQUES, J. A. M. & GAMA, T. M. S. (1992) – “Contributo para o estudo das sepulturas escavadas na rocha: Necrópole das Forcadas (Matança, Fornos de Algodres)”, *Beira Alta*, 51 (1-2), Viseu, pp. 85-129.
- MENDES, N. C. (2003 -Anim'arte, ano 2, 6, *trabalho realizado para a disciplina de Arqueologia*, Professor Doutor Jorge Adolfo Marques, Viseu. <http://clientes.netvisao.pt/pcervaes/arqueologia.htm>
- NUNES, A. L. P. (1986) – “Problemática dos vestígios medievais de Castelo Branco”, *Arqueologia da Beira Baixa*, livro 1ª Jornadas de Arqueologia da Beira Baixa (1979), Castelo Branco, pp. 51-69.
- NUNES, M., SOUSA, L. & GONÇALVES, C. (2006) – “Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o Cemitério rupestre do Irmeiro (Boim)”, *Oppidum*, 1, Edição e propriedade Câmara Municipal de Lousada, pp. 47-67.
- PINHEIRINHO, J. A. dos S. (2001) - *Rosmaninhal – Passado e Presente da Antiga Vila Raiana da Beira Baixa*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova.
- PINTO, E. J. J. (2001) - *Roteiro arqueológico do concelho de Carregal do Sal*. Carregal do Sal: Câmara Municipal de Carregal do Sal.

PINTO, E. J. J. (2004) - *Roteiro arqueológico do concelho de Carregal do Sal. 2ª Fase da carta e roteiro*. Carregal do Sal: Câmara Municipal de Carregal do Sal.

PIRES, A. L. (2012) - *Sepulturas escavadas na rocha*, <http://www.assops.pt/portal/silgueiros/164-sepulturas-escavadas-na-rocha.html>

PROENÇA Jr, F. T. (1910) - *Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo*. Leiria.

RIBEIRO, J. H. (1981) - “Cerâmica medieval das escavações da zona do castelo de Castelo Branco (Portugal)”, *actas do II Colóquio Medieval del Mediterraneo Occidental*, Toledo, pp. 277-281.

ROMÃO, J., SILVA, A. F., CUNHA, P. P., PEREIRA, A. (2010) - Carta Geológica de Portugal, folhas 25-C; 25-D; 29-A, Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector Norte) na escala 1/50 000. Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Lisboa.

ROMÃO, J., SILVA, A. F., CUNHA, P. P., PEREIRA, A., DIAS, R., CABRAL, J. & RIBEIRO, A. (2010b) - Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folhas 25-C; 25-D; 29-A, Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector Norte) na escala 1/50 000. Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Lisboa.

SANTOS, J. C. (2009) - “Crónica - Arqueologia - As sepulturas escavadas na rocha”, *Jornal Beirão*, 7 de Agosto, Moimenta da Beira, <http://moimentananet.blogspot.pt/2009/09/cronica-arqueologia-as-sepulturas.html>.

SANTOS, M. C. D. (1999) - *A implantação romana a sul da Egitânea*. Trabalho de seminário apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Prof. Doutor Jorge Alarcão. Inédito.

SANTOS, M. C. D. (2003) - “Estela funerária do Rosmaninhal”. *Ficheiro Epigráfico*, 74, inscrição nº 358, Coimbra.

SANTOS, M. J. F. (2005) - “A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308)”. *Cadernos do Museu Municipal*, 10, Penafiel, pp. 5-100.

SILVA, J. C. (1989) - “O problema das sepulturas abertas na rocha - subsídios para o seu Estudo, com base numa amostragem colhida na Orca (Fundão)”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Governo Civil do Distrito de Viseu, Viseu, pp. 509 - 521.

TAVARES, A. L. M. (2006) - “Sepulturas escavadas na rocha - Preservação ou Abandono?” *Al-madam*, adenda electrónica, nº 14, Almada, p.7.

TENTE, C. & LOURENÇO, S. (1998) - “Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: Estudo comparativo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1(2), pp. 191-218, Lisboa.

TENTE, C. & LOURENÇO, S. (2002) - “Sepulturas medievais do distrito de Évora”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5(1), Lisboa, pp. 239-258.

TENTE, C. (2007) - “A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da serra da Estrela”, *Trabalhos de Arqueologia*, 47, IGESPAR, Lisboa.

VALERA, A. C (1990) - *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres*. Fornos de Algodres, GAFAL.

Tabela 1. Matriz descritiva contendo os dados metrológicos e tipológicos utilizados para a caracterização das sepulturas identificadas na freguesia de Rosmaninhal

N	Número da sepultura
S	Situação da sepultura: 0 – isolada; 1 – em grupos de 2 ou 3; 2 - Necrópole
Sn	Situação em Necrópole: 0 – isolada; 1 – Em conexão espacial directa com outras
O	Orientação
OX	Orientação do plano de xistosidade
CS	Conservação: 0 – inteira com tampa; 1 – inteira sem tampa; 2 – fracturada; 3 – inacabada; 4 - destruída
TG	Tipologia geral: A – não antropomórfica; B - Antropomórfica
TGB	Tipologia das sepulturas antropomórficas (B): 0 – rectangular; 1 – sub-rectangular; 2 – trapezoidal; 3 – subtrapezoidal; 4 – assimétrica; 5 – simétrica; 6 – ombro esquerdo; 7 – ombro direito; 8 - curva de braços; 9 – curva das pernas
C1	Cabeceira (tipologia das cabeceiras das sepulturas antropomórficas): 0 – arco ultrapassado; 1 – arco peraltado; 2 - arco volta perfeita; 3 – arco rebaixado; 4 – arco aplainado; 5 – rectangular; 6 – trapezoidal ou angulosa; 7 – assimétrica; 8 – sub-rectangular; 9 – cantos paralelepípedicos; 10 – cantos arqueados
C2	Plano de cabeceira: 0 – cabeceira e leito no mesmo plano; 1

	– cabeceira e leito em planos diferentes
P1	Pés: 0 – não destacados; 1 - destacados
P2	Plano da área dos pés: 0 – leito e pés no mesmo plano; 1 – leito e pés em planos diferentes
R1	Rebordo 1: 0 – total; 1 - parcial
R2	Rebordo – tipo: 0 – horizontais; 1 – elevados; 2 – rebaixados; 3 – mistos
CL	Corte lateral ou transversal: 0 – subtrapezoidal fechado; 1 – subtrapezoidal aberto; 2 – rectangular; 3 – subrectangular; 4 – losângulo; 5 - assimétrico
CC	Corte longitudinal: 0 – rectangular; 1 – sub-rectangular; 2 – plano inclinado; 3 – assimétrico; 4 – simétrico; 5 – subtrapezoidal fechado; 6 – subtrapezoidal aberto
L	Largura
Lm	Largura a meio
C	Comprimento
Pf	Profundidade média
C1’	Comprimento da cabeceira
C1’’	Largura da cabeceira

M	Rocha de base: 0 – granito; 1 – xisto; 2 – calcário; 3 - outro
A	Área de implantação: 1 – afloramento; 2 – aproveitamento de diáclase; 3 – penedo isolado; 4 - sarcófago
IG	Implantação geográfica: 0 – vale; 1 – encosta; 2 – monte; 3 – esporão; 4 – planalto; 5 – terrenos agrícolas

IC	Implantação cultural: 0 – templo rupestre; 1 – igreja; 2 – capela; 3 – povoado fortificado; 4 – aldeia com origem medieval; 5 – castelo com ocupação medieval; 6 - junto a caminhos romanos; 7 - junto a caminhos medievais; 8 - junto a caminhos de cronologia indeterminada; 9 – junto a um habitat alto-medieval; 10 - outro
----	---

Tabela 2. Dados metroológicos e tipológicos das sepulturas (em cm)

N	S	Sn	O	OX	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	R1	R2	CL	CC	L	Lm	C	Pf	C1	C1	M	A	IG	IC
1	0	--	270	270	2	A	1	1	--	0	0	0	0	1	2	0	52	41,5	175	35	--	--	1	1	4	9
2	1	--	290	280	1	A	5	--	--	--	--	--	0	1	--	--	45	45	180	--	--	--	1	1	1	9
3	1	--	290	280	1	A	5	--	--	--	--	--	0	1	--	--	55	55	--	--	--	--	1	1	1	9
4	2	--	300	300	1	A	2	--	--	0	0	0	0	1	1	1	55	60	193	40	--	--	1	1	1	9
5	2	--	--	--	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	60	60	200	--	--	--	1	1	1	9
6	1	--	275	275	1	A	3	--	--	1	1	1	0	1	3	1	40	40	180	35	--	--	28	1	1	9
7	1	--	270	270	1	A	5	--	--	0	0	0	1	1	3	3	23	23	112	24	--	--	1	1	1	9
8	1	--	270	270	1	B	--	2	8	0	0	1	0	1	2	5	45	45	175	40	20	16	1	1	1	9
9	2	0	300	300	1	A	1	--	--	--	--	--	1	0	--	--	50	40	174	35	--	--	1	1	0	9
10	2	1	290	300	2	A	1	--	--	--	0	0	0	1	2	--	53	53	170	40	--	--	1	1	0	9
11	2	1	280	300	2	A	5	--	--	--	0	1	1	1	5	3	50	50	180	40	--	--	1	1	0	9
12	2	0	280	290	1	--	3	--	--	--	--	--	0	1	--	--	45	45	170	--	--	--	1	1	0	9
13	2	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	0	9
14	2	1	290	290	1	A	5	--	--	--	--	--	0	1	--	--	48	48	167	--	--	--	1	1	0	9
15	2	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	0	9
16	2	1	290	280	1	A	0	--	--	--	--	--	0	1	--	--	55	54	185	--	--	--	1	1	3	9
17	2	1	290	280	1	A	1	--	--	--	--	--	0	1	--	--	45	45	180	--	--	--	1	1	3	9
18	2	1	290	280	1	A	0	--	--	--	--	--	0	1	--	--	54	54	185	--	--	--	1	1	3	9
19	2	1	290	275	1	A	4	--	--	0	0	0	1	1	2	1	52	47	170	30	15	13	1	1	4	9
20	2	1	270	270	1	A	3	--	--	0	--	--	0	1	1	1	43	43	160	30	--	--	1	1	4	9
21	2	1	270	270	1	A	1	--	--	0	0	0	--	--	1	6	22	22	94	22	--	--	1	1	4	9
22	2	1	270	275	1	A	4	--	--	--	--	--	1	1	1	0	55	55	180	26	--	--	1	1	4	9
23	2	0	270	290	2	A	0	--	--	--	--	--	1	1	--	--	50	50	--	35	--	--	1	1	4	9
24	2	1	270	270	1	A	5	--	--	--	--	--	0	1	--	--	49	49	180	28	--	--	1	1	4	9
25	2	0	265	300	1	A	3	--	--	0	0	0	1	1	2	0	50	50	180	35	--	--	1	1	4	9
26	2	0	280	275	1	A	0	--	--	--	--	--	0	1	--	0	40	40	170	30	--	--	1	1	4	9
27	2	1	270	280	1	A	3	--	--	0	0	0	0	1	1	0	48	48	176	34	--	--	1	1	0	9
28	2	1	270	280	1	B	--	3	8	0	0	0	0	1	1	5	40	40	178	37,5	28	22	1	1	0	9
29	2	1	270	275	1	A	3	--	--	0	0	0	0	1	1	1	45	45	160	34	--	--	1	1	0	9
30	2	1	280	280	1	A	3	--	--	1	0	0	0	1	3	1	43	43	177	37	--	--	1	1	0	9
31	2	0	275	275	1	A	3	--	--	--	--	--	0	1	--	--	50	50	174	--	--	--	1	1	2	9
32	2	1	260	270	2	A	1	--	--	--	--	--	0	0	--	--	30	30	123	34	--	--	1	1	0	9
33	2	1	270	260	1	A	0	--	--	0	0	0	0	0	2	1	34	34	107	21	--	--	1	1	0	9
34	2	1	260	270	2	B	--	2	5	0	1	0	1	1	0	5	40	40	174	40	24	33	1	1	1	9
35	2	1	270	280	1	--	3	--	--	--	--	--	1	1	--	--	40	40	167	--	--	--	1	1	1	9
36	2	0	260	270	1	A	0	--	--	0	0	0	0	0	1	1	32	32	139	25	--	--	1	1	1	9
37	2	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	1	2
38	2	1	270	280	2	A	0	--	--	--	--	--	1	0	--	--	30	30	155	30	--	--	1	1	1	2
39	2	0	270	265	1	A	0	--	--	--	--	--	0	1	--	--	50	50	170	30	--	--	1	1	2	2
40	2	1	270	275	1	A	3	--	--	--	--	--	0	1	--	--	54	47	180	28	--	--	1	1	1	2
41	2	1	280	280	1	A	4	--	--	--	--	--	0	1	--	5	53	53	175	40	--	--	1	1	1	2
42	2	1	270	280	1	A	0	--	--	--	--	--	--	0	--	--	39	38	160	--	--	--	1	1	1	2
43	2	1	270	275	1	B	--	4	6	0	0	0	0	0	2	0	47	47	174	30	23	30	1	1	1	2
44	2	1	280	280	1	A	1	--	--	0	0	0	1	1	1	6	40	40	180	35	--	--	1	1	1	2
45	2	1	270	270	1	B	--	1	6	0	--	0	1	1	1	1	47	47	185	30	20	22	1	1	1	2
46	2	1	270	270	1	A	0	--	--	0	0	0	0	1	2	5	38	38	160	37	--	--	1	1	1	2
47	2	1	270	270	1	B	--	5	8	--	--	--	1	1	1	0	40	40	170	30	25	20	1	1	1	2